

A. R LURIA E O. SACKS: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

Nicolý Pelegrini Santos (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Silvana Calvo Tuleski (Orientadora),
Fernando Wolff Mendonça (co-orientador). E-mail: ra120061@uem.br
Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Ciências Humanas/ Psicologia/ Psicologia do desenvolvimento humano/ Desenvolvimento Social e da Personalidade.

Palavras-chave: Neuropsicologia; A. R Luria; O. Sacks.

RESUMO

O neuropsicólogo Alexander Luria buscou como profissional o rompimento com uma abordagem reducionista de compreensão do sujeito. Para isso, elaborou a Psicologia Histórico-Cultural, que entende a formação humana que não apenas fundamentado no aparato biológico, mas também na história de desenvolvimento singular associada ao desenvolvimento histórico-social do sujeito. Utilizando-a como base, fundou a Neuropsicologia Soviética, elaborando um estudo funcional do cérebro atrelado as bases sócio-históricas da personalidade. Aproximando dessa perspectiva, o neurologista Oliver Sacks atendia sujeitos que sofriam de doenças neurológicas ou pela perda de um membro de seu corpo. Ambos partem de uma concepção de rejeição da ciência clássica, que reduz o sofrimento do sujeito aos sintomas meramente aparentes, e buscam uma concepção romântica do sujeito em sua totalidade. Desse modo, o objetivo geral da pesquisa foi um estudo comparativo entre os estudos clínicos de A.R Luria em neuropsicologia e O. Sacks em neurologia, verificando aproximações e distanciamentos. Para isso, foi realizada a leitura das obras de ambos os autores em ordem cronológica de publicação. Foi constatado que ambos partem de contextos sócio-históricos diferentes, onde Luria é diretamente influenciado pelo contexto revolucionário de sua juventude e Sacks por atravessamentos pessoais em sua vida. Além disso, o soviético realiza estudos longitudinais quase biográficos, enquanto o inglês realiza estudos verticais, mesclando sua perspectiva e a do paciente. Para tanto, ambos se aproximam na utilização da PHC como base de seu trabalho, mesmo que Sacks não a cite muitas vezes de forma direta em suas obras.

INTRODUÇÃO

O tema da pesquisa é o estudo comparativo entre os estudos de caso clínicos do neuropsicólogo Alexander Luria e do neurologista Oliver Sacks. Ambos partem de uma perspectiva do sofrimento humano que compreende o sujeito em sua totalidade, não se limitando aos sintomas aparentes. Utilizam-se de uma abordagem que explica o desenvolvimento humano por meio da unidade dialética entre corpo e mente. Esta unidade se transforma pelo desenvolvimento cultural, pelo intermédio da apropriação dos instrumentos e signos, que internalizados formam a consciência

e produzem a personalidade. Rejeitaram o modo de fazer ciência clássico que, conforme Luria (1992), limita-se à redução dos fenômenos em suas partes constituintes, isolando-os ou no máximo somando-os tendo em vista a elaboração de leis gerais abstratas, que resulta na perda do movimento e na redução da realidade viva. Defendem a Ciência Romântica, que consideram aquela capaz de superar a descrição pela análise, integrando os determinantes numa totalidade viva e em desenvolvimento, em um enfoque que enxerga o sujeito que sofre a partir de sua inserção social, ao invés de focalizar a doença ou o sofrimento apartado do sujeito, como um ente à parte. A seguir será explicitado o percurso da pesquisa.

MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia utilizada foi a revisão de literatura das obras de Alexander Luria (escritas entre as décadas de 1960 e 1970 e publicadas pela primeira vez entre 1979 e 1987) e Oliver Sacks (escritas e publicadas entre 1979 e 2015), nas quais os autores realizam análise e discussão de casos clínicos. Foi realizada a leitura e fichamentos para posterior análise comparativa, de três obras do autor soviético e nove do neurologista inglês, em ordem cronológica de publicação a fim de compreender a evolução teórica desta perspectiva de compreensão do sujeito em sofrimento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Alexander Luria (1902-1977) foi um neuropsicólogo soviético diretamente atravessado pelos movimentos revolucionários que aconteceram durante a sua juventude, que influenciaram diretamente sua educação. Era interessado nos fenômenos que constituem o homem, buscando uma psicologia implicada na melhoria das condições de vida das pessoas e não uma abstração intelectual produzida em um laboratório. Estudante de medicina e de psicologia, conheceu Vygotsky (1896-1934) no ano de 1924, momento em que os dois, juntamente de Alexis Leontiev (1903-1979), passaram a desenvolver a Psicologia Histórico-Cultural (Luria, 1992). Essa abordagem compreende a relação de interdependência entre a base orgânica, que fornece os elementos primários para o desenvolvimento e a consciência, que provoca mudanças nesse organismo, constituindo os aspectos psíquicos. O psiquismo humano, portanto, é a unidade material que se desenvolve socialmente, pela apropriação de instrumentos e signos, que resulta na imagem subjetiva da realidade objetiva (consciência). Tal imagem produz-se pela articulação de inúmeros processos psicofísicos, como a atenção, a memória, a linguagem, o pensamento, a imaginação, etc, que formam os sistemas funcionais corticais, que se complexificam em forma e conteúdo ao longo da vida, mediante processos mediados na vida em sociedade (Vygotsky, 1995).

Utilizando os princípios da PHC, Luria rejeitou a concepção de organização funcional localizacionista predominante em sua época, buscando compreender o cérebro como órgão cultural. Para ele, o cérebro objetiva as apropriações de instrumentos e signos de um dado sujeito ao longo da vida, por isso seus estudos de caso partem

da vida real e concreta de cada paciente (Luria, 1992), base para a sua concepção de ciência romântica e da Neuropsicologia Soviética. Luria buscou superar o reducionismo que abarcava a psicologia e a medicina, rejeitando a abordagem meramente descritiva e sintomática do sofrimento, na qual os instrumentos e exames ganhavam vida própria, colocando os profissionais de saúde como observadores. Defendeu a análise totalizante dos fenômenos que produzem os sofrimentos, apoiando-se na teoria de Marx denominada de “ascendendo ao concreto”, cujo pressuposto para a abordagem de um fenômeno é compreendê-lo a partir do maior número de determinantes possíveis, avançando da aparência sintomática à essência da gênese do sofrimento e seu desenvolvimento, para elaborar formas de intervenção (Luria, 1992). Luria escreveu dois tipos de livros: os clássicos, que abordam a formação de conceitos a respeito do funcionamento do cérebro; e os românticos, estudos de casos que compreendem o sofrimento adocimento na totalidade da vida concreta do sujeito.

O outro cientista analisado foi Oliver Sacks, neurologista que manteve contato com Luria e nele se inspira, cujas condições pessoais de sua vida foram um dos fatores determinantes para o desenvolvimento de um médico e pesquisadora inspirado na ciência romântica defendida pelo seu antecessor. Filho de pais médicos, possuía um irmão esquizofrênico, que sofreu com uma abordagem medicamentosa por parte da família, e Sacks, por ser o mais novo, era quem escutava e tentava compreender seu sofrimento. Para além deste fato, o neurologista sofreu forte repressão de sua mãe devido a sua sexualidade, que compreendia a homossexualidade como uma patologia. Apesar de sofrer, afirmava que não conseguia reduzir a sua identidade a um diagnóstico (Sacks, 2015). Em seus livros explora a constituição da personalidade de seus pacientes e o impacto da doença nesta, buscando saídas para a melhoria de vida do sujeito em sofrimento.

Em síntese, partindo da análise dos estudos clínicos dos dois autores, embasada na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, compreende-se que o sujeito se constitui histórico-socialmente por meio da atividade humana, superando as posições dicotômicas. Foi possível constatar que apesar da proximidade em âmbito de compreensão do sofrimento humano, ambos desenvolveram tal perspectiva a respeito do psiquismo de formas diferentes. A obra luriana é atravessada pelos movimentos revolucionários que abarcavam o contexto soviético desde a sua juventude. Sacks, por sua vez, vivendo um contexto distinto, vivenciou experiências pessoais que auxiliaram na sua construção profissional. Além disso, é importante demarcar que ambos mantiveram contato durante a vida, havendo forte influência da obra luriana, nas discussões teóricas e relatos de caso de Sacks.

Mesmo partindo de contextos histórico-culturais distintos, ambos contribuíram para a construção de uma perspectiva de atuação profissional que dá centralidade ao ser que sofre, considerando-o numa unidade psicofísica. Para compreender quem sofre é preciso ir além dos sintomas aparentes, avançando para a vida real e concreta do sujeito e que lugar o sofrimento ocupa nela. Por exemplo, Luria em suas duas obras que integram a ciência romântica, realiza um estudo longitudinal sobre a perda funcional devido a uma lesão cerebral durante a guerra, demonstrando a luta do sujeito para a superação das conseqüentes sequelas, como uma biografia escrita

pelo mesmo em parceria com o médico (Luria, 2022). Em outra obra, traz o percurso de uma pessoa que apresentava uma memória fotográfica indescritível, a qual lhe proporcionava dificuldades nas relações sociais (Luria, 2008).

As obras de Sacks são caracterizadas pelos seus estudos verticais, em que aborda diversos estudos de caso de pacientes que conviveu por um determinado período. Mescla sua escrita com alguns relatos dos sujeitos em sofrimento, com clara inspiração luriana, mas em menor escala, se comparado aos livros do psicólogo soviético. Os relatos são entremeados por depoimentos do próprio médico, expressando sentimento de frustração e indignação, em virtude dos limites da medicina clássica na compreensão do ser que sofre em sua totalidade. Foi possível evidenciar que Sacks utiliza muito dos conceitos da Psicologia Histórico-Cultural, como a compreensão da formação da personalidade humana como resultante da unidade da base biológica e as condições postas à apropriação da cultural, destaca o desenvolvimento da linguagem simbólica como mediadora importante na e para a representação do mundo, ou seja, a consciência.

CONCLUSÕES

Em âmbito geral, por meio da leitura e análise dos casos clínicos dos dois autores foi possível conceber que ambos estruturam sua literatura de formas diferentes. Luria prioriza a exposição da perspectiva do próprio sujeito em sofrimento, trazendo de maneira sutil os termos teóricos, que estão integrados à própria narrativa do caso. Em contrapartida, Sacks mescla o depoimento de diversos casos de modo mais sucinto e sua perspectiva como profissional e sujeito, em algumas narrativas detalhando aspectos do adoecimento em termos e conceitos da medicina. Contudo, ambos utilizam a mesma base teórica, que compreende o sujeito para além dos seus aparatos biológicos, em unidade psicofísica, destacando a formação histórico-social da personalidade do indivíduo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço o financiamento do CNPq para a realização desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

LURIA, A.R. **A construção da Mente**. São Paulo: ícone, 1992.

LURIA, A.R. **O homem com o mundo estilhaçado**. Trad: Lólio Lourenço de Oliveira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LURIA, A.R. **A mente e a memória: um pequeno livro sobre uma vasta memória**. Trad: Claudia Berliner. 3ªed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2022.

SACKS, O. **Sempre em Movimento**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

32º Encontro Anual de Iniciação Científica
12º Encontro Anual de Iniciação Científica Júnior



23 e 24 de Novembro de 2023

VIGOTSKI, L.S. **Obras escogidas**. Tomo III. Madrid: Visor, 1995.